

DIREITO, JUSTIÇA E QUADRINHOS: UMA ENTREVISTA COM AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

LAW, JUSTICE, AND COMICS: AN INTERVIEW WITH AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS
(ENTREVISTADORA)

A ENTREVISTA



Profa. Dra. Amanda Muniz Oliveira¹

REVISTA PARAJÁS: Para começarmos, gostaríamos de conhecê-la melhor. Afinal, quem é a Profa. Dra. Amanda Muniz Oliveira?

AMANDA MUNIZ: Olá! Primeiramente muito obrigada pela oportunidade e pelo espaço dedicado ao nosso evento. É sempre difícil responder sobre nós mesmos (risos). Sou uma pessoa que nunca quis fazer Direito e de repente se viu imersa nessa área, buscando aprofundar conhecimentos e críticas. Sou uma pessoa extremamente apaixonada pela Universidade, pela pesquisa, pela docência e pelo pensamento crítico, mas que aprendeu (a duras penas) que há muita vida fora do lattes. Sou

¹ Foto disponível em: < <https://unifor.br/web/graduacao/-/confira-a-programacao-do-vii-coloquio-justica-em-quadrinhos-e-filosofia-do-direito> >. Acessado em: 26 de dezembro de 2022.



ENTREVISTA COM A DRA. AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

ENTREVISTADORA: EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS

feminista, anarquista, metida a cantora, fascinada pela subcultura gótica e pelo universo da cultura pop em geral. Acho que é por aí (risos).

REVISTA PARAJÁS: Como foi a experiência de cursar o Mestrado e o Doutorado em Direito na UFSC?

AMANDA MUNIZ: Eu diria que surpreendente, de várias formas. Eu fiz graduação em uma faculdade privada no interior do norte de MG (Faculdades Santo Agostinho, nem existe mais); e as privadas, em geral, formam os alunos para a técnica e prática. Mas desde o início eu me apaixonei pela pesquisa e pelas propedêuticas graças a professoras e professores incríveis (Patrícia Heliodoro, Liz Rodrigues, Rodrigo Cavalheiro, Fernanda Veloso) e o mestrado era o único caminho que me interessava. Eu queria tanto aquilo que acabei idealizando demais o processo e, quando cheguei, as coisas foram um pouco diferentes, desafiadoras, mas muito benéficas. Conheci pessoas incríveis, áreas incríveis, fiz muitos contatos com pesquisadores das áreas da Letra, História, Música e, claro, do Direito. Foi ali que comecei, de fato, a me formar como pesquisadora.

REVISTA PARAJÁS: E a experiência de lecionar e pesquisar na UNIPAMPA?

AMANDA MUNIZ: Muito mais desafiador (risos). Durante a pós-graduação era muito claro para mim que eu iria para onde os concursos me levassem – especialmente no interior, onde há uma carência de investimento em pesquisa. Foi com muita alegria que recebi o resultado do concurso e iniciei as atividades. Comecei lecionando na Administração e no Direito e as turmas foram muito queridas. No caso do direito, virei até Patronesse dessa turma – um gesto muito gentil do qual nunca irei esquecer. Mas diferentemente da UFSC, a Unipampa não estava numa cidade grande... o acesso até Santana do Livramento (RS), local onde lecionei, é difícil (são 8 horas de ônibus saindo de Porto Alegre, sem Aeroporto); o clima não é dos mais amigáveis (no inverno, passávamos o dia com a temperatura em -2º, sem aquecedor, água quente nas torneiras, *etc*). Eu adoro vida noturna: bares, cervejas, shows de heavy metal e punk, mas não tinha nada disso por ali (ou ao menos não com tanta frequência), o que tornou minha vida mais focada no trabalho (bom por um lado, mas pode se tornar perigoso pra quem, como eu, não tem hora para parar de trabalhar). Foi difícil fazer amizades e me integrar a uma cultura totalmente diferente da minha, mas preciso destacar: as alunas



ENTREVISTA COM A DRA. AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

ENTREVISTADORA: EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS

e alunos foram cruciais nessa fase. No geral, pessoas muito críticas, muito interessadas e muito amistosas. Tenho contato com muitas(os) até hoje e, de orientandas(os) e bolsistas, tornamos-nos verdadeiramente amigas(os). São pessoas que levarei para o resto da vida comigo.

REVISTA PARAJÁS: E como está sendo a experiência na UFJF?

AMANDA MUNIZ: Incrível! É muito bom estar de volta ao meu estado de origem, apesar de Juiz de Fora ser muito mais Rio de Janeiro do que Minas Gerais. Mas desde o início fui muito bem recebida pelas(os) colegas(os), chefes, corpo discente... a cidade possui uma efervescência cultural que me fascina e abre portas para vários projetos de pesquisa e extensão.

REVISTA PARAJÁS: Você em sua trajetória acadêmica estudou Poder e Direito em “Senhor dos Anéis”, “representações do Direito no Rock de Raul Seixas” e o movimento “Law and Literature”, além de inúmeros outros temas que poderíamos mencionar aqui. Conte-nos um pouco a respeito dos seus múltiplos objetos de estudo/pesquisa.

AMANDA MUNIZ: Eu sempre gostei de saber, de conhecer vários temas. É muito difícil para mim focar em um único assunto, como muitos pesquisadores fazem. Minhas experiências pessoais como mulher hétero cis branca exigem o conhecimento mínimo de questões voltadas a gênero, classe, sexualidade e raça; meu gosto por subculturas urbanas (como o gótico e o universo do rock) me faz querer entender mais desse assunto; minha grande paixão pela literatura me empurrou na direção dos estudos dessa área; e a música sempre foi algo crucial pra mim: também não podia deixar de estudá-la. Em síntese, acredito que a diversidade de temas é consequência da diversidade de marcadores que nos atravessam.

REVISTA PARAJÁS: Pelo visto você gosta de estabelecer relações entre as Ciências Jurídicas e Sociais (e Humanas) e a Cultura Pop, correto? Qual a importância de se estudar academicamente quadrinhos (9ª arte), música (4ª arte) e cinema (7ª arte)? A arte pode nos ajudar a interpretar a nossa realidade?

AMANDA MUNIZ: Essa é uma excelente pergunta, principalmente porque tenho me deparado com um fenômeno muito triste em algumas orientações: alunas(os) talentosíssimas(os), preocupadas(os) em inovar e trazer outras perspectivas para o campo jurídico, mas que logo se



desanimam por “não ser um tema do Direito”. Utilizando a cultura pop como um dos exemplos, eu afirmo categoricamente: não é possível criar um direito novo, pensar um direito novo, com receitas velhas. Repetindo manuais. Parafraseando doutrinadores que não se atualizam. Se queremos entender o desgaste das instituições, a desconfiança que parte da população tem com o universo jurídico (seja o advogado, juiz, promotor, seja o próprio ambiente de fórum, por exemplo), devemos olhar para a sociedade. E a cultura pop é um local privilegiado para isso (e aqui me embaso no Douglas Kellner e na tradição dos Estudos Culturais), pois é essa cultura que dissemina imaginários, opiniões, gostos, preconceitos... e ao mesmo tempo, é influenciada pela sociedade na qual se insere, em uma relação dialética. Um exemplo que sempre uso nos meus cursos: em 2003, tivemos no Brasil a novela *Mulheres Apaixonadas*, que explorou a violência contra pessoas idosas. No mesmo ano, tivemos a aprovação do Estatuto do Idoso. Não estou dizendo que a novela fez com que uma lei fosse aprovada, mas sem sombra de dúvidas a novela jogou em foco uma violência até então invisibilizada e gerou uma comoção social para aquele problema – isso é a tal da fonte material do Direito. Então é importante olhar para esses debates, essas tensões que estão diante de nossos olhos e que poderão desaguar no mundo jurídico.

REVISTA PARAJÁS: Do ponto de vista jurídico-profissional, a arte pode ajudar o “operador” do Direito em sua profissão? Ela tem essa utilidade prático-dogmática? Ou a sua utilização é meramente zetética e se restringe ao mundo das ideias?

AMANDA MUNIZ: Pode! E de modos diversos. A arte pode servir de escape, quando o trabalho está insuportável demais e a mente precisa de escapismo; mas a arte também pode nos ajudar a entender mais de determinadas tensões sociais que poderão desaguar no Direito, como respondi anteriormente. Não acredito que sua utilização se restrinja a uma mera abstração; vejamos o movimento punk no Brasil que, desde os anos 80, vem fazendo música de contestação, distribuindo zines e levando pautas políticas relevantes a toda uma juventude; mais recentemente, esse mesmo movimento fez uma oposição ferrenha ao governo Bolsonaro, por meio do festival “Facada Fest”, cujo então Ministro Sérgio Moro tentou censurar. Originalmente, o festival nem era sobre o antigo presidente, mas foi visto como uma provocação e passou a ser. Foi difundido em diversos estados brasileiros, juntando bandas diversas que falavam sobre temas essenciais – inclusive sobre direitos e garantias fundamentais. Especificamente no caso de pessoas com capacidade de gestar, tenho como



ENTREVISTA COM A DRA. AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

ENTREVISTADORA: EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS

exemplo a difusão de fanzines voltados a difundir explicações sobre direitos reprodutivos, métodos anticoncepcionais e até hipóteses de aborto legal. Muito mais acessível e eficaz do qualquer palestra erudita proferida em salões nobres cheios de pessoas engravatadas. A arte aproxima as pessoas do Direito. Além de ajudar o operador do Direito a falar sobre direitos, a arte também pode nos ajudar a ter contato com realidades diferentes e desenvolver raciocínios e argumentações jurídicas a serem usados nas peças processuais propriamente ditas. Vide o livro e o filme *Carandiru* e as denúncias dos Racionais ao sistema penal, dentre outros inúmeros exemplos.

REVISTA PARAJÁS: Fale um pouco sobre o projeto “*Contra Legem*”: o que é? Quando surgiu? Como funciona? Quais as suas linhas de pesquisa?

AMANDA MUNIZ: O *Contra Legem* é um espaço que acolhe juristas que não se encaixam nas categorias tradicionais do Direito, por assim dizer. Trabalhamos com Direito e humanidades, ou seja, temos uma visão interdisciplinar e estamos ali disputando o próprio conceito de Direito e para que(m) serve esse conceito. Formalmente, ele está registrado como *Contra Legem: Núcleo de Estudos em Direito e Humanidades*, pelo CNPq, e engloba projetos de pesquisa e extensão. Surgiu em 2020 na Unipampa, local onde achei várias pessoas como eu, descontentes com a imposição de uma visão dogmática de mundo e desde então não paramos. Atualmente temos duas linhas: uma específica para feminismo e outra aberta a qualquer tema das humanidades. Na UFJF, estamos desenvolvendo um projeto de extensão sobre Justiça Reprodutiva, visando entender as demandas das pessoas com capacidade de gestar em situação de vulnerabilidade na cidade. Em breve, pretendo expandir esse projeto e não mais seremos *Contra Legem* ou um Núcleo de Pesquisa. Penso, junto das alunas (e alunos), em abrir uma Clínica Jurídica, para oferecer também atendimento jurídico gratuito, além da pesquisa e extensão. Mas são planos para 2024...

REVISTA PARAJÁS: Vamos falar do evento que gerou o Dossiê Temático desta edição. Como se deu a sua aproximação com o pessoal do “Graphic Justice”. Sabemos que se trata de um evento internacional. Como conseguiu realizá-lo no Brasil?

AMANDA MUNIZ: Eu conheci o pessoal durante a pandemia, buscando grupos de Direito e Arte no Google (no Reino Unido eles usam o termo *Cultural Legal Studies*). Encontrei o *Graphic Justice*



ENTREVISTA COM A DRA. AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

ENTREVISTADORA: EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS

que iria realizar um evento online, me inscrevi, apresentei o trabalho por videoconferência e a partir daí começamos a conversar.

REVISTA PARAJÁS: Qual foi a proposta temática do “Graphic Justice Discussions 2022”?

AMANDA MUNIZ: A proposta foi refletir sobre os efeitos da pandemia – essa época tão terrível – na vida das pessoas à luz do Direito, da Justiça e dos Quadrinhos.

REVISTA PARAJÁS: E como foi o evento? Como você o descreveria? A experiência de organizá-lo foi positiva?

AMANDA MUNIZ: Foi um evento sensacional. Pessoas de todo o mundo compareceram de forma virtual, as discussões foram de alto nível e foi muito bom mostrar para o público brasileiro que a pesquisa em Direito e Arte é valorizada em outros países. A experiência foi muito positiva e prazerosa.

REVISTA PARAJÁS: Bem, um dos resultados mediatos do evento organizado por ti foi o já mencionado *Dossiê Temático* sobre “Direito, Justiça e Quadrinhos”. O que achou do resultado final dos trabalhos (publicados nesta edição da Revista Parajás)?

AMANDA MUNIZ: Estou muito feliz com os resultados, espero que sirva de inspiração para outras pessoas e que demonstre as possibilidades de cruzamento entre Direito e Arte.

REVISTA PARAJÁS: Antes de finalizarmos, responda objetivamente às seguintes perguntas:

a) Qual livro mais o marcou em sua vida?

AMANDA MUNIZ: *Frankenstein*, de Mary Shelley. Uma história de terror, extremamente complexa, escrita por uma mulher de apenas 18 anos. Simplesmente incrível.

b) E qual o seu livro de cabeceira?



ENTREVISTA COM A DRA. AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

ENTREVISTADORA: EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS

AMANDA MUNIZ: *Casamentos e Divórcios entre Feminismos e Marxismos*, de Cinzia Aruzza. Estou sempre lendo, relendo, grifando e retornando para aprimorar as bases de nossas pesquisas sobre gênero. Menção honrosa ao livro *A Cultura da Mídia*, de Douglas Kellner, que também leio várias vezes por ano para refrescar as ideias sobre cultura pop.

c) Qual personagem de nossa história pátria você considera um verdadeiro herói?

AMANDA MUNIZ: Sem sombra de dúvidas as mulheres anarquistas brasileiras, com menção a Espertirina Martins e Maria Lacerda de Moura. Elas tinham uma consciência de classe e de raça incrível; e além de enfrentar o machismo por parte da sociedade tinham que lidar com o machismo por parte de seus companheiros e com a falta de crítica das próprias feministas da época. Admiro muito!

d) E da história universal?

AMANDA MUNIZ: As mulheres negras que organizaram revoltas contra a ordem escravocrata, em todas as partes do mundo. No Brasil, Tereza de Benguela é um grande exemplo.

e) Se fosse pra escolher outro país (que não o Brasil) para ter nascido / vivido, qual escolheria?

AMANDA MUNIZ: Hoje em dia falo com honestidade que nenhum outro.

f) Se pudesse sintetizar o conhecimento acumulado ao longo de sua experiência de vida em uma frase, o que diria às próximas gerações?

AMANDA MUNIZ: O direito não é um emaranhado de regras abstratas minuciosamente descrito nos Códigos: muito pelo contrário, ele está vivo e pulsa, é um fenômeno SOCIAL e passou da hora de o enxergarmos como tal.

REVISTA PARAJÁS: O que você espera deixar para a posteridade em relação ao seu nome?



ENTREVISTA COM A DRA. AMANDA MUNIZ OLIVEIRA

ENTREVISTADORA: EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS

AMANDA MUNIZ: Espero poder contribuir para uma Universidade e um mundo jurídico mais plural, aberto a novas ideias, novas críticas, novos problemas. Fazer pontes, dar as mãos e abrir caminhos: é para isso que eu estou aqui!